



FICHA 3: MATERIAL DE LEITURA E REFLEXÃO

RECURSOS 1

“FRATELLI TUTTI”

ENCÍCLICA SOCIAL DO PAPA FRANCISCO

A fraternidade e a amizade social são os caminhos indicados pelo Pontífice para construir um mundo melhor, mais justo e pacífico, com o compromisso de todos: pessoas e instituições. Reafirmou fortemente o não à guerra e à globalização da indiferença.

Quais são os grandes ideais, mas também os caminhos concretos a seguir para quem quer construir um mundo mais justo e fraterno nas suas relações quotidianas, na vida social, na política e nas instituições? Esta é a questão à qual pretende responder, principalmente “Fratelli tutti”: o Papa define-a como uma “Encíclica Social” (6) que toma o título das “Admoestações” de São Francisco de Assis, que usou essas palavras “ dirigindo-se aos seus irmãos e irmãs para lhes proporcionar uma forma de modo de vida com sabor a Evangelho (1)

A fraternidade deve ser promovida não só com palavras, mas com ações. Factos que se concretizem na “melhor política”, a política que não está sujeita aos interesses das finanças, mas sim ao serviço do bem comum, capaz de colocar no centro a dignidade de cada ser humano e garantir trabalho para todos, para que cada um possa desenvolver as suas próprias capacidades.

OS PROBLEMAS GLOBAIS EXIGEM UMA AÇÃO GLOBAL, NÃO A “CULTURA DOS MUROS”

Aberta por uma breve introdução e dividida em oito capítulos, a Encíclica recolhe – como explica o próprio Papa – muitas das suas reflexões sobre a fraternidade e a amizade social, mas colocadas “num contexto mais amplo”. «E aqui, na minha linguagem própria, acolhi também numerosas cartas e documentos com reflexões que recebi de tantas pessoas e grupos de todo o mundo». (5)

A fraternidade e a amizade social são os caminhos indicados pelo Pontífice para construir um mundo melhor, mais justo e pacífico, com o compromisso de todos: pessoas e instituições. Reafirmou fortemente o não à guerra e à globalização da indiferença.

Além disso, hoje verifica-se uma deterioração da ética (29), para o que contribuem, de certa forma, os meios de comunicação de massa que destroem o respeito pelo outro e eliminam toda a modéstia, criando círculos virtuais isolados e autorreferenciais, nos quais a liberdade é uma ilusão e o diálogo não é construtivo (42-50).

O AMOR CONSTRÓI PONTES: O EXEMPLO DO BOM SAMARITANO

A muitas sombras, porém, a Encíclica responde com um exemplo luminoso, um arauto de esperança: o do Bom Samaritano. O segundo capítulo, “Um estranho no caminho”, é dedicado a esta figura, e nele o Papa refere que há sintomas de uma sociedade doente que vira as costas à dor e (64 -65), mas somos analfabetos ao não acompanhar, cuidar e sustentar os mais frágeis (64,65)

Todos somos chamados – tal como o Bom Samaritano – a estar próximos uns dos outros (81), mas sinto-me chamado a tornar-me eu próprio um próximo dos outros, a superar preconceitos, interesses pessoais, barreiras históricas ou culturais. Na verdade, todos somos corresponsáveis pela construção de uma sociedade que saiba incluir, integrar e elevar aqueles que caíram ou sofrem.77

O amor constrói pontes e somos “feitos para o amor” (88), acrescenta o Papa, exortando em particular os cristãos a reconhecerem Cristo no rosto de todos os excluídos (85). O princípio da capacidade de amar segundo “uma dimensão universal” (83) é retomado também no terceiro capítulo “Pensar e gerar um mundo aberto”: nele, Francisco exorta-nos a “sair de nós mesmos” para encontrar nos outros “um crescimento do seu ser” (88) abrindo-nos ao próximo, segundo o dinamismo da caridade que nos faz tender à “comunhão universal” (95). Afinal – recorda a Encíclica – a estatura espiritual da vida humana é definida pelo amor, que está sempre “em primeiro lugar” e nos leva a procurar o melhor para a vida dos outros, longe de todo o egoísmo (92-93).



OS DIREITOS NÃO TÊM FRONTEIRAS, A ÉTICA É NECESSÁRIA NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Uma sociedade fraterna será aquela que promove a educação para o diálogo, a fim de derrotar o “vírus do individualismo radical” (105) e permitir que todos deem o seu melhor. A partir da proteção da família e do respeito pela sua “missão educativa primária e essencial” (114). Existem dois, em particular, os “instrumentos” para alcançar este tipo de sociedade: a benevolência, isto é, o desejo concreto do bem do outro (112), e a solidariedade que aborda a fragilidade e se expressa no serviço aos outros. e não ideologias, lutando contra a pobreza e a desigualdade (115). O direito de viver com dignidade não pode ser negado a ninguém, afirma o Papa, e como os direitos não têm fronteiras, ninguém pode ser excluído, independentemente do local onde nasceu (121). Deste ponto de vista, o Papa recorda-nos também que devemos pensar numa “ética das relações internacionais” (126), porque cada país é também um país estrangeiro e os bens do território não podem ser negados aos necessitados que vêm de outro país. Portanto, o direito natural à propriedade privada será secundário em relação ao princípio do destino universal dos bens criados (120). A Encíclica também destaca especificamente a questão da dívida externa: sem prejuízo do princípio de que deve ser paga, espera-se, no entanto, que isso não comprometa o crescimento e a subsistência dos países mais pobres (126).



MIGRANTES: GOVERNAÇÃO GLOBAL PARA PROJETOS DE LONGO PRAZO

Parte do segundo e todo o quarto capítulo são dedicados ao tema das migrações, “Um coração aberto ao mundo inteiro”, com as suas “vidas dilaceradas” (37), fugindo de guerras, perseguições, desastres naturais, traficantes sem escrúpulos, desarraigados das suas comunidades de origem, os migrantes devem ser acolhidos, protegidos, promovidos e integrados. As migrações desnecessárias devem ser evitadas, afirma o Pontífice, criando nos países de origem possibilidades concretas de viver com dignidade. Mas, ao mesmo tempo, deve ser respeitado o direito de procurar uma vida melhor noutro lugar. Nos países de destino, o equilíbrio adequado estará entre a proteção dos direitos dos cidadãos e a garantia de acolhimento e assistência aos migrantes (38-40). Especificamente, o Papa aponta algumas “respostas indispensáveis” especialmente para quem foge de “graves crises humanitárias”: aumentar e simplificar a concessão de vistos; abrir corredores humanitários; garantir habitação, segurança e serviços essenciais; oferecer oportunidades de emprego e formação; promover o reagrupamento familiar; proteger os menores; garantir a liberdade religiosa e promover a inclusão social. O Papa também nos convida a estabelecer o conceito de “cidadania plena” na sociedade, renunciando ao uso discriminatório do termo “minorias” (129-131). O que é necessário acima de tudo – diz o documento – é uma governação global, uma colaboração internacional para a migração que lance projetos de longo prazo, que vão além das emergências individuais (132), em nome do desenvolvimento livre. Desta forma, os países podem pensar como “uma família humana” (139-141). O outro que é diferente de nós é um dom e um enriquecimento para todos, escreve Francisco, porque as diferenças representam uma possibilidade de crescimento (133-135). Uma cultura saudável é uma cultura acolhedora que sabe abrir-se aos outros, sem renunciar a si mesma, oferecendo-lhes algo autêntico. Como num poliedro – imagem apreciada pelo Pontífice – o todo é mais do que as partes individuais, mas cada uma delas é respeitada no seu valor (145-146).

A POLÍTICA, UMA DAS FORMAS MAIS PRECIOSAS DE CARIDADE

O tema do quinto capítulo é “A melhor política”, ou seja, uma das mais preciosas formas de caridade porque está ao serviço do bem comum (180) e conhece a importância das pessoas, entendidas como uma categoria aberta, disponível para o confronto e o diálogo (160). Este é, em certo sentido, o populismo indicado por Francisco, que se opõe àquele “populismo” que ignora a legitimidade da noção de “povo”, atraindo consensos para a explorar em seu próprio serviço e promovendo o egoísmo para aumentar a sua popularidade. (159). Mas a melhor política é também a que protege o trabalho, “uma dimensão inalienável da vida social” e tenta garantir que todos tenham a possibilidade de desenvolver as suas próprias capacidades (162). A melhor ajuda para um pobre, explica o Papa, não é apenas o dinheiro, que é um remédio temporário, mas o facto de lhe permitir viver uma vida digna através do trabalho. A verdadeira estratégia de combate à pobreza não visa simplesmente conter ou tornar inofensivos os indigentes, mas antes promovê-los do ponto de vista da solidariedade e da subsidiariedade (187). É também tarefa da política encontrar uma solução para tudo o que viola os direitos humanos fundamentais, como a exclusão social; tráfico de órgãos, tecidos, armas e drogas; exploração sexual; trabalho escravo; terrorismo e crime organizado. Forte é o apelo do Papa para eliminar definitivamente o tráfico, a “vergonha da humanidade” e a fome, que é “criminosa” porque a alimentação é “um direito inalienável” (188-189).

O MERCADO SOZINHO NÃO RESOLVE TUDO. É NECESSÁRIO REFORMAR A ONU

A política necessária, sublinha Francisco, é a que diz não à corrupção, à ineficiência, ao abuso de poder, à falta de respeito pelas leis (177). É uma política centrada na dignidade humana e não sujeita a financiamento porque “o mercado por si só não resolve tudo”: a “destruição” causada pela especulação financeira demonstrou isso (168). Os movimentos populares assumem, portanto, uma importância particular: verdadeiros “poetas sociais” e “torrentes de energia moral”, devem estar envolvidos na participação social, política e económica, sujeitos, no entanto, a uma maior coordenação. Desta forma – afirma o Papa – podemos passar de uma política “para” os pobres a uma política “com” e “dos” pobres (169). Outro auspício presente na Encíclica refere-se à reforma das Nações Unidas: face ao domínio da dimensão económica que anula o poder do Estado individual, de facto, a tarefa das Nações Unidas será dar substância ao conceito de “família” de nações” que trabalham para o bem comum, a erradicação da pobreza e a proteção dos direitos humanos. Ao recorrer incansavelmente à “negociação, aos bons ofícios e à arbitragem” – afirma

o documento pontifício – a ONU deve promover a força da lei sobre a lei da força, favorecendo acordos multilaterais que protejam melhor até mesmo os Estados mais fracos (173-175).

O MILAGRE DA BONDADE

Do sexto capítulo, “Diálogo e amizade social”, surge também o conceito de vida como “a arte do encontro” com todos, mesmo com as periferias do mundo e com os povos indígenas, porque “de todos se pode aprender alguma coisa, nada é inútil” (215). O verdadeiro diálogo, de facto, é o que nos permite respeitar o ponto de vista do outro, os seus interesses legítimos e, sobretudo, a verdade da dignidade humana. O relativismo não é uma solução – lê-se na Encíclica – porque sem princípios universais e normas morais que proíbam o mal intrínseco, as leis tornam-se apenas imposições arbitrarias (206). Nesta perspetiva, desempenham um papel particular os meios de comunicação social que, sem explorar as fragilidades humanas nem revelar o que há de pior em nós, devem orientar-se para os encontros generosos e a proximidade com os últimos, promovendo a proximidade e o sentido da família humana (205). Particular, então, é o apelo do Papa ao “milagre de uma pessoa amável”, uma atitude que deve ser recuperada porque é “uma estrela no meio da escuridão” e “uma libertação da crueldade que às vezes penetra nas relações humanas”, da ansiedade que não nos permite pensar nos outros, da urgência distraída que impera na contemporaneidade. Uma pessoa amável, escreve Francisco, cria uma convivência saudável e abre o caminho onde a exasperação destrói pontes (222-224).



A ARTE DA PAZ E A IMPORTÂNCIA DO PERDÃO

Reflete sobre o valor e a promoção da paz, porém, é no sétimo capítulo, “Caminhos de reencontro”, onde o Papa sublinha que a paz está ligada à verdade, à justiça e à misericórdia. Longe do desejo de vingança, é “proativa” e visa formar uma sociedade baseada no serviço ao próximo e na busca da reconciliação e do desenvolvimento mútuo (227-229). Numa sociedade, todos devem sentir-se “em casa” – escreve o Papa –. Por isso, a paz é uma “tarefa” que envolve e diz respeito a todos e na qual cada um deve desempenhar o seu papel. A tarefa da paz não dá tréguas e nunca termina, continua o Papa, e por isso é necessário colocar a pessoa humana, a sua dignidade e o bem comum no centro de toda a ação (230-232). Ligado à paz está o perdão: é preciso amar a todos sem exceção, diz a Encíclica, «mas amar um opressor não é consentir que ele permaneça assim; nem levá-lo a pensar que o que ele faz é aceitável.» E mais: quem sofre injustiças deve defender firmemente os seus direitos para salvaguardar a sua dignidade, um dom de Deus (241-242). O perdão não significa impunidade, mas justiça

e memória, porque perdoar não significa esquecer, mas sim renunciar à força destrutiva do mal e ao desejo de vingança. Nunca devemos esquecer “horrores” como o Shoah, os bombardeamentos atômicos em Hiroshima e Nagasaki, as perseguições e massacres étnicos – exorta o Papa –. Eles devem ser sempre lembrados, mais uma vez, para não nos anestesiarmos, e manter viva a chama da consciência coletiva. É igualmente importante lembrar os bons, aqueles que escolheram o perdão e a fraternidade (246-252).

NUNCA MAIS A GUERRA, FRACASSO DA HUMANIDADE!

Parte do sétimo capítulo centra-se na guerra: não é “um fantasma do passado” – sublinha Francisco – mas “uma ameaça constante” e representa a “negação de todos os direitos”, “um fracasso da política e da humanidade”, “uma rendição vergonhosa, uma derrota contra as forças do mal”. Além disso, devido às armas

nucleares, químicas e biológicas que atingiram muitos civis inocentes, hoje já não podemos pensar, como no passado, numa possível “guerra justa”, mas devemos reafirmar firmemente “Nunca mais haverá guerra!” E considerando que estamos a viver uma «guerra mundial aos pedaços», porque todos os conflitos estão interligados, a eliminação total das armas nucleares é “um imperativo moral e humanitário”. Pelo contrário – sugere o Papa – com o dinheiro investido em armas, deveria ser criado um Fundo Global para eliminar a fome (255-262).

A PENA DE MORTE É INACEITÁVEL, DEVERIA SER ABOLIDA EM TODO O MUNDO

Francisco expressa uma posição igualmente clara sobre a pena de morte: ela é inadmissível e deve ser abolida em todo o mundo. “Nem mesmo o assassino perde a sua dignidade pessoal – escreve o Papa – e o próprio Deus se torna seu fiador”. Daí duas exortações: não ver o castigo como vingança, mas como parte de um processo de cura e reintegração social, e melhorar as condições prisionais, respeitando a dignidade humana dos presos, pensando também que a prisão perpétua “é uma pena de morte oculta” (263 -269). A necessidade de respeitar “a sacralidade da vida” (283) é reafirmada onde hoje “partes da humanidade parecem sacrificadas”, como os não-nascidos, os pobres, os deficientes, os idosos (18).



GARANTIR A LIBERDADE RELIGIOSA, UM DIREITO HUMANO FUNDAMENTAL

No oitavo e último capítulo, o Pontífice aborda “As religiões ao serviço da fraternidade no mundo” e reitera que a violência não encontra a sua base nas convicções religiosas, mas nas suas deformações. Atos tão “execráveis” como os atos terroristas, portanto, não se devem à religião, mas a interpretações erróneas de textos religiosos, bem como a políticas de fome, pobreza, injustiça, opressão. O terrorismo não deve ser apoiado com dinheiro ou armas, nem com cobertura mediática, porque é um crime internacional contra a segurança e a paz mundial e como tal deve ser condenado (282-283). Ao mesmo tempo, o Papa sublinha que é possível um caminho de paz entre as religiões e que, portanto, é necessário garantir a liberdade religiosa, um direito humano fundamental para todos os crentes (279). Em particular, a Encíclica reflete sobre o papel da Igreja: não relega a sua missão à esfera privada – afirma –, não está à margem da sociedade e, embora não se envolva na política, não renuncia a dimensão política da existência. A atenção ao bem comum e a preocupação pelo desenvolvimento humano integral dizem respeito, de facto, à humanidade e a tudo o que é humano diz respeito à Igreja, segundo os princípios do Evangelho (276-278).

Obrigado por teres lido¹

¹ Fratelli tutti, eis aqui a encíclica social do Papa Francisco. Isabela Piro. [www. Vaticannews.va](http://www.Vaticannews.va)



FICHA 3: MATERIAL DE LEITURA E REFLEXÃO

RECURSO 2

ENCÍCLICA «LAUDATO SI»

1 Tudo na natureza está inter-relacionado. O ser humano - apesar da sua especificidade - não está fora da natureza, mas faz parte dela. O cuidado da natureza, a justiça para com os pobres e a paz interior são realidades inseparáveis. Utilizar a natureza como objeto de uso e de domínio conduz à exclusão dos pobres e ao nosso próprio empobrecimento humano e espiritual.

O Papa começa a encíclica afirmando sem rodeios que a sua intenção é entrar em diálogo com crentes e não crentes sobre “a nossa casa comum”. Diz também que, tal como quando foi proclamado Papa, a sua inspiração foi São Francisco de Assis, que “vê como são inseparáveis a preocupação para com a natureza, a justiça para com os pobres, o compromisso para com a sociedade e a paz interior”.

CAPÍTULO I. O QUE ESTÁ ACONTECENDO COM NOSSA CASA

ESTAMOS TRANSFORMANDO A TERRA NUM DEPÓSITO DE LIXO

A poluição é um problema de saúde, especialmente para os mais pobres, causando milhões de mortes prematuras. Uma solução puramente tecnológica é insuficiente e muitas vezes contra-producente. Estamos transformando a terra num depósito de lixo e as medidas, quando tomadas, chegam tarde demais. A raiz do problema está na cultura do descartável. Esta cultura afeta não só as coisas, mas também muitos seres humanos que são excluídos.

AQUECIMENTO GLOBAL

Os cientistas concordam que o aquecimento global é um fato com consequências graves. Estas consequências afetam particularmente muitas pessoas pobres, perante a indiferença geral. Forçados a migrar, a comunidade internacional não os reconhece como refugiados, muitos dos detentores do poder econômico ou político olham com indiferença, limitando-se a mascarar os problemas, sem atacar as suas causas. Os indicadores da situação atual são o esgotamento dos recursos naturais e a deterioração da qualidade da água. A água está se tornando uma mercadoria nas mãos das multinacionais.



¹ Resumen da Encíclica LAUDATO SI, por María ángeles navarro Girón. Ecología y cristianismo. www.ubiesdomine.com

GANÂNCIA E IMEDIATISMO

A forma imediatista de entender a atividade comercial e produtiva é uma fonte de depredação dos recursos naturais. Por nossa causa, milhares de espécies deixarão de dar glória a Deus com a sua existência. Não temos o direito de fazê-lo. Não só os mamíferos e as aves, mas também os fungos, as algas, os vermes, os insetos, os répteis e inúmeros outros microrganismos necessários. Quando se procura apenas o lucro econômico rápido, não há interesse na preservação dos ecossistemas. A longo prazo, os danos são muito superiores aos benefícios. Exemplos disso são a proposta de internacionalização da Amazônia, as formas seletivas de pesca que desperdiçam grande parte das espécies colhidas e os danos causados a muitos recifes de coral. Todas as criaturas estão interligadas e cada uma deve ser valorizada com afeto e admiração. Todos os seres precisam uns dos outros. Os seres humanos também fazem parte deste mundo. A degradação ambiental também nos afeta.

OS POBRES SÃO EXCLUÍDOS

O ambiente humano e o ambiente natural degradam-se em conjunto. Milhões de pessoas são excluídas, invisíveis para os meios de comunicação. Em vez de se colocarem na pele dos pobres e pensarem num mundo diferente, alguns pensam que a única solução é reduzir a taxa de natalidade. A desigualdade não afeta apenas os indivíduos, mas países inteiros. A dívida externa dos países pobres tornou-se um instrumento de controle. No entanto, há séculos que o Norte pilha os recursos naturais do Sul e esta “dívida ecológica” não é reconhecida. O gemido da irmã terra junta-se ao gemido dos abandonados do mundo. É um grito que exige uma direção diferente.



CAPÍTULO II. O MISTÉRIO DO UNIVERSO

OS SERES VIVOS NÃO SÃO COISAS

O ser humano implica uma novidade que não pode ser totalmente explicada pela evolução. Consideramos o ser humano como um sujeito e nunca pode ser reduzido à categoria de objeto. Seria errado pensar que os outros seres vivos devem ser considerados como meros objetos, sujeitos ao domínio humano arbitrário. O ideal de Jesus é o oposto de tal modelo. O fim último de todas as outras criaturas não somos nós. O fim de todas as criaturas é Deus. Conosco e através de nós, elas avançam para a plenitude transcendente onde Cristo ressuscitado as abraça e ilumina.

DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA

A nossa responsabilidade é cuidar da criação, sem esquecer a dignidade da pessoa humana. É evidente a incoerência daqueles que lutam contra o tráfico de animais em perigo de extinção, enquanto permanecem indiferentes ao tráfico de seres humanos, negligenciando os pobres, ou esforçando-se por destruir outro ser humano que lhes desagrada. A mesma miséria que leva aos maus tratos de um animal logo se manifesta em relação ao ser humano.

CAPÍTULO III. RAIZ HUMANA DA CRISE ECOLÓGICA

A TECNOCIÊNCIA COMO IDEOLOGIA

O problema fundamental é, no entanto, mais profundo. Os seres humanos assumiram a tecnologia e o seu desenvolvimento como um paradigma homogêneo e universal. A natureza foi assim considerada como algo sem forma e totalmente disponível para ser manipulada. Isto conduziu à ideia de crescimento ilimitado, que é a mentira da disponibilidade infinita dos bens do planeta; a economia assume todo o desenvolvimento tecnológico como orientado para o lucro, sem prestar atenção às possíveis consequências negativas para os seres humanos.

NECESSIDADE DE ALARGAR OS HORIZONTES

A cultura ecológica não pode reduzir-se a uma série de respostas urgentes e parciais aos problemas de degradação ambiental, de esgotamento dos recursos naturais e de poluição. É necessário olhar para as coisas de uma perspectiva diferente e alargar os nossos horizontes. Estamos vivendo em um ritmo acelerado e é difícil recuperar a profundidade da vida. É necessária uma revolução cultural corajosa. É preciso retomar os avanços positivos e sustentáveis e, ao mesmo tempo, recuperar os valores e os grandes objetivos que foram devastados por um excesso megalômano.

ANTROPOCENTRISMO DESUMANIZADOR

O antropocentrismo moderno colocou a razão técnica acima da realidade. Para isso contribuiu uma apresentação inadequada da antropologia cristã, como se o cuidado da natureza fosse uma questão de fracos. O fato de o homem ser “senhor” do universo não pode ser interpretado como um domínio despótico, mas como uma responsabilidade. Uma vez que tudo está interligado, a defesa da natureza é também incompatível com a justificação do aborto. Quando o ser humano se coloca no centro, acaba por dar prioridade absoluta às suas conveniências circunstanciais, e tudo o resto se torna relativo.

Se não há verdades objetivas nem princípios sólidos, a não ser a satisfação dos próprios projetos e necessidades imediatas, que limites podem ter o tráfico de seres humanos, o crime organizado, o tráfico de drogas, o comércio de diamantes ensanguentados ou de peles de animais em vias de extinção?

O TRABALHO É UMA REALIDADE HUMANA, NÃO SOMENTE ECONÔMICA

O trabalho tem valor em si mesmo. Dar dinheiro aos pobres deve ser um ato isolado. Os pobres devem ter a possibilidade de ganhar a vida por si próprios. O trabalho é uma necessidade, faz parte do sentido da vida nesta terra. Neste sentido, ajudar os pobres com dinheiro deve ser sempre uma solução temporária para resolver emergências. O grande objetivo deve ser sempre o de lhes permitir viver uma vida digna através do trabalho.

Para que isso seja possível, é imperativo promover uma economia que favoreça a diversidade produtiva e a criatividade empresarial. De fato, existe uma grande variedade de sistemas alimentares camponeses que continuam a alimentar a maioria da população mundial com um gasto muito menor de terra e água. Uma liberdade econômica que é apenas proclamada deteriora o acesso ao trabalho e deixa de fora a maioria.

CAPÍTULO IV. UMA ECOLOGIA INTEGRAL

O MEIO AMBIENTE

A ecologia estuda a relação entre os organismos vivos e o meio em que se desenvolvem. Quando falamos de “meio ambiente” estamos nos referindo à relação que existe entre a natureza e a sociedade que a habita. Isto impede-nos de entender a natureza como



algo estranho a nós, como um mero enquadramento da nossa vida. Não existe uma crise ambiental e uma crise social, mas uma única e complexa crise socio-ambiental. Tudo está relacionado e, por isso, a saúde das instituições de uma sociedade tem consequências para o ambiente e para a qualidade de vida humana. Além disso, o que acontece numa região tem repercussões noutras.

UMA RIQUEZA CULTURAL QUE ESTÁ EM PERIGO

Muitas culturas estão em perigo de extinção, o que é motivo de preocupação. A ecologia significa também cuidar da riqueza das diferentes culturas, não só do passado, mas sobretudo do presente. A economia globalizada de hoje tende a homogeneizar as culturas. A imensa variedade cultural é um tesouro do qual não podemos prescindir. Mesmo a noção de qualidade de vida não pode ser imposta. É essencial prestar uma atenção especial às comunidades indígenas e às suas tradições culturais. Para elas, a terra não é um bem econômico, mas uma dádiva de Deus e dos seus antepassados que nela repousam. É um espaço sagrado com o qual devem interagir para manter a sua identidade e os seus valores.

CRISE SOCIAL

A ecologia humana que os pobres conseguem desenvolver no meio de tantas limitações é por vezes louvável para os habitantes de bairros muito precários. Não só os pobres, mas uma grande parte da sociedade sofre sérias dificuldades para ter acesso a uma casa própria. A posse de uma casa tem muito a ver com a dignidade dos indivíduos e o desenvolvimento das famílias. Por conseguinte, se num determinado local já se desenvolveram aglomerados caóticos de habitações precárias, trata-se de urbanizar esses bairros e não de os erradicar e expulsar. A qualidade de vida nas cidades tem muito a ver com os transportes, que são muitas vezes a causa de grande sofrimento para os habitantes. Aí, onde muitas vezes não são prestados serviços essenciais e onde os trabalhadores são reduzidos a situações de escravidão, sem direitos e sem esperança de uma vida mais digna.



O BEM COMUM

O bem comum pressupõe o respeito à pessoa humana. Exige também o bem-estar social, especialmente da família, que é a célula básica da sociedade. Finalmente, o bem comum exige a paz social. Esta paz não se realiza sem uma atenção especial à justiça distributiva. Toda a sociedade - especialmente o Estado - tem a obrigação de defender e promover o bem comum. Nas condições atuais da sociedade mundial, em que cada vez mais pessoas são descartadas, o princípio do bem comum torna-se um apelo à solidariedade numa opção preferencial pelos mais pobres.

CAPÍTULO V. ALGUMAS LINHAS DE ORIENTAÇÃO E AÇÃO

É indispensável um consenso global para abordar os problemas em profundidade. O movimento ambientalista mundial já percorreu um longo caminho graças aos esforços de muitas organizações da sociedade civil. No entanto, devido a uma falta de determinação política, as Cúpulas Mundiais sobre o Ambiente não conseguiram chegar a acordos ambientais globais verdadeiramente significativos e eficazes.

PARA ALÉM DA CIÊNCIA

Não se pode argumentar que as ciências empíricas explicam completamente a vida, o entrelace de todas as criaturas e toda a realidade. Isso seria ir demasiado além dos seus limites metodológicos.

Por outro lado, quaisquer que sejam as soluções técnicas que as ciências pretendam fornecer, serão impotentes para resolver os graves problemas do mundo se a humanidade perder o rumo. Em todo o caso, os crentes devem ser desafiados a serem coerentes com a sua própria fé e a não a contradizerem com suas ações. A maioria dos habitantes do mundo declara-se crente. É por isso que deve haver um diálogo inter-religioso

sobre o cuidado da natureza e a defesa dos pobres. É igualmente imperativo um diálogo entre as próprias ciências. Por último, os próprios ambientalistas têm de ultrapassar suas diferenças ideológicas.

CAPÍTULO VI. EDUCAÇÃO E ESPIRITUALIDADE ECOLÓGICA

UMA ESPIRITUALIDADE ECOLÓGICA

Gostaria de propor aos cristãos algumas linhas de espiritualidade ecológica que partem das convicções da nossa fé. O que o Evangelho nos ensina tem consequências para o nosso modo de pensar, sentir e viver. Mas temos também de reconhecer que alguns cristãos empenhados e orantes, sob o pretexto de realismo, escarnecem muitas vezes das preocupações ambientais. Outros são passivos e tornam-se incoerentes. Viver a vocação de sermos protetores da obra de Deus não é opcional, nem um aspeto secundário para o cristão. No entanto, a conversão pessoal não é suficiente. Não é fácil desenvolver esta humildade se excluirmos Deus da nossa vida, se o nosso eu tomar o seu lugar.

A LUTA POR UM MUNDO MELHOR

Temos de voltar a sentir que precisamos uns dos outros, que somos responsáveis uns pelos outros e pelo mundo, que vale a pena sermos bons e honestos. Quando alguém reconhece o chamamento de Deus para intervir juntamente com os outros nestas dinâmicas sociais, deve lembrar-se que isso faz parte da sua espiritualidade, que é um exercício de caridade, e que assim amadurece e se santifica. Nem todos são chamados a trabalhar diretamente na política, mas na sociedade há muitas associações que intervêm para o bem comum, preservando o ambiente natural e urbano.

ENCONTRAR DEUS EM TODAS AS COISAS

O ideal não é apenas passar do exterior para o interior para descobrir a ação de Deus na alma, mas também encontrá-lo em todas as coisas. Na Eucaristia, o criado encontra a sua maior elevação. Na Eucaristia realiza-se a plenitude, e ela é o centro vital do universo, o foco transbordante do amor e da vida inesgotável. Unido ao Filho encarnado, presente na Eucaristia, todo o cosmos dá graças a Deus. Maria, a mãe que cuidou de Jesus, cuida agora deste mundo ferido com afeto e dor maternais. Juntamente com ela, destaca-se a figura de São José. Ele cuidou e defendeu Maria e Jesus com seu trabalho e sua presença generosa. Por isso foi declarado protetor da Igreja universal. Ele pode também ensinar-nos a cuidar deste mundo que Deus nos confiou. A vida eterna será uma maravilha partilhada, onde cada criatura, luminosamente transformada, ocupará o seu lugar. Juntamente com todas as criaturas, caminhamos nesta terra à procura de Deus, que não nos deixa sozinhos, porque se uniu definitivamente à nossa terra, e o seu amor leva-nos sempre a encontrar novos caminhos.





FICHA 3: MATERIAL DE LECTURA Y REFLEXIÓN

RECURSO 3



A Santa Sé

MENSAGEM DE SUA SANTIDADE FRANCISCO

AOS IRMÃOS MARISTAS NO BICENTENÁRIO DA FUNDAÇÃO DA CONGREGAÇÃO

Ao Irmão Emili Turú Rofes
Superior Geral dos Irmãos Maristas

Querido irmão:

Tenho o prazer de cumprimentá-lo e, através de você, toda a família marista, por ocasião do Bicentenário da fundação da Congregação, durante o qual celebrarão o XXII Capítulo Geral, que acontecerá na Colômbia. Desejamos preparar essa efeméride sob o lema “um novo começo”, onde se encontra sintetizado todo um programa de renovação que supõe olhar com agradecimento o passado, discernir o presente e abrir-se, com esperança, ao futuro.

A gratidão é o primeiro sentimento que brota do coração. É necessária essa atitude de reconhecimento para valorizar as obras grandes que Deus fez através de vocês. Ao mesmo tempo, dar graças nos faz bem; ajuda-nos a nos reconhecer pequenos diante dos olhos do Senhor e deve-dores de uma tradição que nos foi dada sem que tenhamos feito nada. Vocês pertencem a uma grande família, rica de testemunhos que souberam doar suas vidas por amor a Deus e ao próximo, com esse espírito de irmandade que caracteriza a Congregação e que converte o outro em “irmão muito querido para mim” (Fl 16). Esses dois séculos de existência se transformaram em uma grande história de entrega em favor das crianças e jovens, que foram acolhidos em todas as partes dos cinco continentes e foram formados para serem bons cidadãos e, sobretudo, bons cristãos. Estas obras de bem são expressão da bondade e misericórdia de Deus que, apesar de nossas limitações e inabilidades, jamais se esquece de seus filhos.

Todavia, não basta contemplar o passado, mas é necessário realizar um discernimento do momento presente. É correto se examinarem e é bom que o façam à luz do Espírito. Discernir é reconhecer com objetividade e caridade o estado atual, confrontando-o com o espírito fundacional. São Marcelino Champagnat foi um inovador para o seu tempo no âmbito educativo e da formação. Ele mesmo experimentou a necessidade do amor para poder conseguir fazer brilhar as potencialidades que cada criança tem escondidas dentro

de si. Seu santo fundador dizia: “A educação é para a criança o que o cultivo é para o solo. Por melhor que seja um terreno, se permanecer inculto, não produzirá senão espinhos e abrolhos”. A tarefa do educador é de entrega constante e tem uma carga de sacrifício; no entanto, a educação é coisa do coração e isto a faz diferente e sublime. Ser chamados a cultivar exige, primeiro de tudo, cultivar a si mesmos. O religioso educador tem que cuidar do seu campo interior, das suas reservas humanas e espirituais para poder sair a semear e cuidar do terreno que lhe confiaram. Devem ser conscientes que o terreno que trabalham e modelam é “sagrado”, vendo nele o amor e a marca de Deus. Com essa dedicação e esforço, fieis à missão recebida, contribuirão à obra de Deus, que lhes chama a ser simples instrumentos em suas mãos.

Finalmente, animo-os a que se abram com esperança para o futuro, caminhando com espírito renovado; não é um caminho diferente, mas vivificado no Espírito. A sociedade hoje precisa de pessoas sólidas em seus princípios que possam dar testemunho daquilo que creem e assim construir um mundo melhor para todos. Serão guiados nesse caminho pelo lema do vosso Instituto religioso, que é em si um projeto de vida: “Tudo a Jesus por Maria; tudo a Maria para Jesus”. Trata-se de confiar em Maria e se deixar guiar por ela na sua humildade e serviço, na sua prontidão e entrega silenciosa; são atitudes que o bom religioso e educador tem que transmitir com seu exemplo. Os jovens reconhecerão, em seu modo de ser e atuar, que existe algo de extraordinário e compreenderão que vale a pena não só aprender esses valores mas, sobretudo, interiorizá-los e imitá-los. Maria os acompanhará nesse propósito e, com ela, ratificarão sua vocação, contribuindo a criar uma humanidade sempre e continuamente renovada, onde o vulnerável e o descartado sejam valorizados e amados. Este futuro que desejam e que sonham não é uma utopia: constrói-se desde hoje, dizendo “sim” à vontade de Deus na certeza de que ele, como Pai bom, não decepcionará a nossa esperança.

Agradeço ao Senhor e a Maria, nossa Boa Mãe - como São Marcelino gostava de chamá-la - a presença na Igreja de vossa vocação e serviço, e peço para vocês o dom do Espírito Santo para que, movidos por ele, levem às crianças e jovens, assim como a todos os necessitados, a proximidade e a ternura de Deus.

Vaticano, 10 de abril de 2017

Francisco

Copyright © Dicas para a comunicação - Livraria Editora
Vaticana



Audiência do Santo Padre, Papa Francisco, aos participantes do Conferência Geral dos Irmãos Maristas

24.03.2022

Queridos Irmãos, bom dia e bem-vindos!

Agradeço ao Superior Geral suas palavras e saúdo todos os que participam da Conferência Geral de seu Instituto, um acontecimento muito importante que os reúne cada oito anos, entre dois Capítulos Gerais.

É, portanto, um momento de séria reflexão, para ler os sinais dos tempos, e para ver como vai o caminho, se estão seguindo as indicações que deu o Capítulo anterior. Porém, sem olhar para trás, sempre olhando para frente! Como quem está no timão de um barco: para ver se a rota é correta, não olha a estrela que deixou para trás, senão que olhando para adiante, vigiando dois ou três pontos de referência para orientar-se. Imagino que vocês também têm refletido sobre o caminho baseando-se em alguns elementos fundamentais. E o primeiro é a Palavra de Deus. Estamos na Quaresma, e a Mãe Igreja nos



chama a voltar a pôr as coisas na ordem correta: Deus e sua Palavra em primeiro lugar. É fácil dizer, porém não é fácil de fazer! Especialmente quando a Palavra nos pede que “olhem mais longe”, que “olhem mais além”, como reza o título de vossa Conferência. Mais além de quê? Da mentalidade mundana, mais além dos interesses de um curto suspiro, mais além de uma perspectiva parcial, para poder abrir-se ao horizonte de uma fraternidade universal. Porém, sempre mais além.

Parece-me que esta é precisamente a perspectiva que vocês escolheram para seu trabalho destes dias, para poder servir da melhor maneira possível a uma família - a dos Irmãos Maristas - que é multicultural e multiétnica e que, portanto, lhes pede que superem as fronteiras, não tanto geográficas, senão mentais. Isto não significa afastar-se das próprias raízes, claro que não! Não há contradição entre a fidelidade às raízes e a abertura universal, é continuidade, é crescimento normal. Pelo contrário, segundo o modelo do Cristo Senhor, é precisamente permanecendo totalmente fieis à aliança de amor com o povo que nos foi confiado que nosso serviço é fecundo para todos, pelo poder da graça de Deus. Esta é a fecundidade que nos faz olhar para adiante com fortaleza.

Para os Irmãos Maristas, isto significa permanecer fieis ao serviço da educação e evangelização dos jovens, segundo o carisma de São Marcelino Champagnat. Soube “olhar mais além”, e soube ensinar aos jovens a “olhar mais além», a abrir-se a Deus, aos horizontes do amor segundo o Evangelho. Guiou-se pelo exemplo da Virgem Maria, a “Boa Mãe”, como ele dizia: Maria era uma mulher simples de um povo periférico, porém, seu coração olhava além, tinha o horizonte do Reino de Deus, era uma pessoa aberta. E isto brilha no Magnificat, onde o plano de salvação de Deus resume-se por meio da voz de



sua humilde serva. O que poderia ser mais belo, mais efetivo que o Magnificat para educar a uma menina ou um menino para que se abra a Deus e a seu plano de amor? O Magnificat contém uma visão da vida e da história; é uma escola de fé e de oração, que livra a gente de encerrar-se em si mesmo e de todo espiritualismo, e mostra a alegria de crer, esperar e amar segundo o Evangelho de Cristo.

Tudo isso, queridos Irmãos, lhes pertence, pertence a suas raízes e a seu patrimônio, e requer sempre uma adaptação à realidade mutante, com as características das novas gerações. Por exemplo, os jovens estão mostrando sensibilidade e interesse pela ecologia. Aqui há um grande campo de educação; porque infelizmente a mentalidade mundana - permitam-me o jogo de palavras - também contamina a ecologia, a reduz, a concebe em modo ideológico e superficial. Em troca, o horizonte de Deus é o de uma ecologia integral, que sempre mantém unidas as dimensões meio ambiental e social, o grito da Terra e o grito dos pobres. As crianças e os jovens estão dispostas a salvaguardar a criação, porém necessitam aprender que isto não se reduz a slogans, não é só denúncia, mas é um estilo de vida, requer paciência, fortaleza, temperança, justiça. Em resumo, a gente não nasce custódio do criado, senão que se chega a ser por um caminho educativo.

Isso também lhes pertence. E o exemplo que dei sobre a ecologia se pode aplicar a outros campos, como o compromisso social e político, como o campo da comunicação, ou primeiramente o do estudo e do trabalho, vistos numa perspectiva de promoção integral da pessoa. Porém sobretudo, como religiosos, pertencem-lhes a educação espiritual, que é a base do crescimento integral. Isto lhes pertence como religiosos: a educação espiritual. Jesus Cristo é o Mestre da vida e da verdade, o caminho a seguir para chegar a ser homens e mulheres em plenitude, e o Espírito Santo é o Mestre interior que forma a Cristo em nós. Que vocação, que missão, Irmãos, cooperar com Cristo e com o Espírito para



acompanhar aos jovens nesta aventura! É realmente demasiado grande para nós, pobres pecadores. Porém, nos recorda nossa Mãe encanta lhe fazer grandes coisas com os pequenos e os pobres, sempre e quando se abrem humildemente a Ele e aceitam sua Palavra, pondo à disposição todo seu ser.

Isso é o que desejo para vocês e para todos seus Irmãos espalhados pelo mundo. Olhar mais além para educar a olhar mais além, com Maria, seguindo as pegadas de Jesus, Nosso Senhor. E esta é precisamente a denúncia mais forte contra a concepção ilustrada da educação, quer dizer, copiar ideias, ideias, ideias.... Não. Educar a olhar mais além, para ensinar a olhar mais além. Isto destrói toda concepção estática e ilustrada, ideológica da educação. A educação é um desafio para toda pessoa: para os pensamentos, sentimentos e trabalho das pessoas. Mas, para isto precisa olhar além.

Que o Espírito Santo os ilumine e os console sempre em seu caminho e em seu serviço. E que os acompanhe também minha bênção. E vocês, por favor, não se esqueçam de rezar por mim, porque este trabalho não é fácil!

Franciscus





FICHA 3: MATERIAL DE LECTURA Y REFLEXIÓN

RECURSOS 4

A DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA, O SEU PAPEL NA SOCIEDADE E NA IGREJA DE HOJE

O QUE É A DSI (DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA)?

A DSI pode ser definida como o conjunto de princípios e valores que a Igreja resgatou e propôs a partir do Evangelho, a fim de abordar a realidade social, política e económica de toda a humanidade e, assim, tentar resolver os vários problemas desta natureza.

Entre os objetivos da Doutrina Social da Igreja estão: Orientar a reflexão e a conduta dos indivíduos e de toda a comunidade humana mundial na tarefa de construir uma ordem social justa e fraterna, que contribua para a convivência pacífica e o desenvolvimento humano integral.

As fontes da Doutrina Social encontram-se na revelação contida na Sagrada Escritura, que apresenta os ensinamentos fundamentais da fé e as exigências da alteridade, da fraternidade, da comunidade, da sociabilidade, da generosidade, da justiça, da misericórdia, da gratuidade e do amor fraterno.



PRINCÍPIOS DA DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA

1. O BEM COMUM

O princípio ou critério do bem comum é um princípio fundamental da vida humana e das relações humanas. Para a Doutrina Social da Igreja, o princípio do bem comum é o primeiro de todos os princípios: todos os bens que existem são bens de todos os seres humanos.

A concepção é clara: Deus criou tudo o que existe para todos os seres humanos, não para uma só pessoa. Por isso, o princípio do bem comum quer olhar não apenas para um indivíduo, mas para todos os indivíduos, não para uma pessoa, mas para todas as pessoas.

É por isso que este princípio do bem comum é uma tarefa de todos nós e que os bens que existem na terra devem chegar a todos os seres humanos. Para nós, é um critério que tem de ser sempre claro e é o critério que se exige na condução da vida política; por isso, o político é aquele que deve trabalhar para o bem comum e está vinculado a este princípio quando procura os seus próprios interesses, os seus próprios bens ou o bem privado; e os bens que existem numa nação, se bem percebermos, são para todos e é por isso que procuramos a igualdade na distribuição dos bens.

Refletir repetidamente sobre o bem comum coloca-nos e situa-nos num princípio fundamental para o desenvolvimento e o progresso de cada ser humano e de todos os seres humanos.

2. O DESTINO UNIVERSAL DOS BENS

O princípio do bem comum que orienta a doutrina social da Igreja anda de mãos dadas com o princípio do destino universal dos bens. Este princípio recorda-nos que tudo o que existe tem uma dimensão universal. Falamos do direito de propriedade.

O direito à propriedade privada tem também um significado. A propriedade privada ajuda as pessoas a terem um mínimo de espaço vital, para que a sua liberdade seja respeitada; no entanto, quando a propriedade privada ultrapassa e viola o princípio universal dos bens, então a propriedade privada deve ser submetida ao que é esse princípio universal dos bens. O Papa João Paulo II repetiu que: “Acima de toda a propriedade privada, há uma hipoteca de bens que deve chegar a todos”.

E que chegar a todos é chegar a cada ser humano e a todos os seres humanos e devemos repetir isto continuamente: Deus criou todas as coisas, não para um grupo, mas para todos. De tal modo que devemos procurar os caminhos para uma justa distribuição dos bens e das riquezas, sejam elas quais forem.

3. SUBSIDIARIEDADE

Na procura do progresso e do desenvolvimento de cada pessoa humana, de cada ser humano, da sua dignidade, há um princípio que muitas vezes não é tido em conta e que também deve ser frequentemente recordado e para o qual devemos voltar os nossos pensamentos e os nossos olhos. É o princípio da subsidiariedade, uma palavra que não é fácil de pronunciar, mas que é extremamente importante. Nós, seres humanos, temos de produzir o que temos de produzir. Cada ser humano tem uma responsabilidade, para consigo próprio e para com os outros, como qualquer grupo, como qualquer sociedade, mas há limitações que temos, e é aí que é necessário um apoio subsidiário.

Para apoiar as famílias que não conseguem atingir os objectivos que deveriam atingir, os indivíduos, as pessoas, os grupos, sejam eles quais forem. Por isso, o Estado tem a responsabilidade de cuidar, de garantir que cada um de nós faz o que tem de fazer, mas que também pode receber apoio para aquilo que não pode fazer. Este princípio de subsidiariedade ajuda as pessoas e os grupos a progredirem.

E isto não deve ser dito apenas em âmbito nacional, deve ser dito também em âmbito universal: devemos acompanhar-nos uns aos outros como povos, e embora isto não seja exigido por Deus, nem pela doutrina social da Igreja, é exigido pelo bom senso e pela razão. Devemos apoiar todos aqueles que não podem dar tudo o que gostariam ou poderiam dar.

4. PARTICIPAÇÃO

Outro princípio claro na doutrina social da Igreja é o princípio da participação. É um tema a que voltamos repetidamente. A participação, como algo inerente ao ser humano, faz parte da nossa existência. Se o primeiro princípio nos diz que, como seres humanos, todos temos a mesma dignidade, então todos temos o mesmo direito de participar no desenvolvimento da sociedade e a ser tidos em conta. Todos os dias encontramos pessoas que são discriminadas, maltratadas, desrespeitadas e que sofrem diferentes tipos de violência.

Uma pessoa que não participa nas despesas de um povo, com os seus impostos, é uma pessoa que não está cumprindo o seu dever. Uma pessoa que não participa das eleições, por exemplo, é uma pessoa que se sente limitada naquilo que é seu direito de participar da escolha daqueles que a dirigem. Esta dimensão da participação revela um direito, mas revela também um dever. Direito e dever, o direito de participar e o dever de participar. É por isso que, quando as pessoas não podem participar tanto quanto podem na vida nacional, sentem-se limitadas.



As ditaduras limitam a participação, mas a participação também se torna uma desordem quando não é regulada. Pensemos repetidamente na participação, no nosso dever de participar na vida familiar, na vida social, na vida do bairro, na vida nacional, na vida internacional. Pensemos na participação como um direito e um dever.

5. SOLIDARIEDADE:

A solidariedade é um dos grandes princípios ou, se preferirmos, um dos grandes valores mais abordados no mundo atual. A solidariedade mostra-nos como a humanidade é uma só e como tem de se apoiar mutuamente. A solidariedade que nos leva a vermo-nos como um conjunto sólido mostra-nos que os povos não podem existir se não forem solidários uns com os outros e que a humanidade também é assim, e isso vê-se muito claramente nas crises e nos problemas. Somos solidários, temos de ser solidários, quer queiramos quer não, mas temos de fazê-lo conscientemente. Os países mais ricos têm de ser solidários com os outros, e os países mais pobres também têm de ter consciência disso.

A Amazónia já não pertence ao Brasil ou aos países do Cone Sul, pertence a toda a humanidade, porque o que lá acontece afeta a humanidade. Somos solidários, e os seres humanos são como um cacho de bananas: ou caminhamos juntos ou perecemos, mas temos de estar juntos. O princípio, o critério, o valor da solidariedade é um tema sobre o qual devemos refletir e voltar sempre, porque não devemos apenas esperar a solidariedade dos outros, mas cada um de nós deve fazer a sua parte na caminhada e na construção de um mundo solidário.

6. VALORES FUNDAMENTAIS:

A questão dos valores está sobre a mesa. É um tema ao qual temos de voltar uma e outra vez, e podemos

interrogar-nos sobre os muitos valores que existem, e podemos enumerar dezenas de valores: quais são os fundamentais, quais são os mais importantes, aqueles que são necessários para o funcionamento de uma sociedade e que são também fundamentais para o progresso dos povos? Os quatro grandes valores são estes: A verdade, a liberdade, a justiça e o amor.

E vou referir-me agora aos três primeiros porque o amor, que nos une aos outros, precisa de um tratamento especial.

“Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”.

A liberdade manifesta-se na democracia, mas é preciso que seja utilizada com sabedoria. É por isso que voltar o olhar e a mente para a liberdade é fundamental, sobretudo nestes tempos em que gozamos de liberdade, para que não regressemos às ditaduras, mas também para que a liberdade não se torne um inimigo para nós. E a dimensão da justiça: se queres paz, trabalha pela justiça. Se queremos manter as relações como elas devem ser, o valor da justiça é chave e fundamental - quem pode negá-lo?



Sabemos que temos muitas perturbações quando prevalecem a mentira, a licenciosidade e a injustiça. É por isso que, na doutrina social da Igreja, estes três valores são fundamentais e chave para a vida de qualquer sociedade.

7. O CAMINHO DO AMOR:

Podemos falar e tocar em temas como este: o bem comum, o destino universal dos bens, a participação, a solidariedade, os valores da verdade, da justiça e da liberdade. Mas temos de dizer que o elo que une tudo isto é o amor. Sem amor, não podemos alcançar o que desejamos: maior distribuição da riqueza, um mundo onde prevaleçam a verdade, a justiça e a liberdade, onde os bens sejam verdadeiramente comuns, onde se procure o bem comum.

Não podemos pedir aos políticos que se preocupem com os interesses do povo e não com os seus próprios interesses se não tiverem amor. Podemos pedir-lhes em nome da justiça, em nome do respeito pelos outros; o amor é necessário para tudo isso. Podemos pedir a um juiz que faça justiça, mas se esse juiz não respeitar a pessoa humana, se esse juiz não amar o ser humano, será injusto. Os valores que temos de pôr em prática, e todos eles são necessários, precisam de um fundamento, de um guia, que é o amor. É por isso que o progresso dos povos, o bem-estar dos povos, a melhor distribuição das riquezas, tudo o que desejamos não acontecerá de fato e de direito se o ser humano for egoísta. É por isso que o caminho do amor, a trilha do amor, é e continuará a ser o caminho do desenvolvimento dos povos, do respeito pelas pessoas e pelos direitos humanos.

É importante valorizar e refletir sobre as ferramentas que a nossa Igreja nos oferece para continuarmos a enfrentar as crises da nossa realidade e assim continuarmos a ser construtores do Reino aqui na Terra.

Agradeço infinitamente o tempo que dispensaram para ler este breve texto e seria ótimo se pudessem partilhar o grande tesouro que a DSI tem para oferecer ao mundo.

Bênçãos!